



**PRIMEIRO DOMINGO DO ADVENTO
30/11/2003**

Primeira leitura (Antigo Testamento): Zacarias 14:4-9

O livro de Zacarias pode ser dividido em três partes: Proto-Zacarias (1-8; cuja temática é a reconstrução do tempo de Jerusalém após o retorno do exílio entre 520 e 515 a.C.); Dêutero-Zacarias (9-11; de caráter apocalíptico possivelmente da primeira etapa do domínio grego sob os Ptolomaicos por volta de 300 a.C.) e o chamado Trito-Zacarias (12-14 do tempo do domínio grego dos Selêucidas um pouco antes da revolta dos Macabeus, entre 200 e 150 a.C.). Os dois últimos fazem parte do gênero apocalíptico no Antigo Testamento. A apocalíptica, cujo sentido em grego é "revelação", é resultado, de um lado, do choque entre o pensamento hebraico (concreto, pragmático e histórico) com o pensamento grego (abstrato, utópico e atemporal), por outro lado da impossibilidade de visualizar a curto ou meio prazo uma saída concreta para a dominação e sofrimento provocados pelo Império Grego (cf. Macabeus 1:1-9).

O uso da linguagem simbólica é uma forma buscar brechas na dureza da realidade por onde possa se enxergar a ação de Deus. O símbolo une o passado (mostrando as vitórias históricas de Deus e seu povo sobre seus opressores), o presente (dando sentido à resistência como forma de preparar um futuro glorioso) e o futuro (onde Deus reinará em plenitude acima de todo poder opressor). Dito de outra forma a apocalíptica é um olhar de fé sobre o passado, um olhar encorajamento e ânimo sobre o presente e um olhar de esperança sobre o futuro.

O texto deste domingo não inclui o quadro introdutório (Zc 14:1-3) onde se descreve um grande cerco a Jerusalém perpetrado por todos os "goim", isto é, os que não são judeus. Desta forma a profecia reúne simbolicamente todos os inimigos de Israel ao longo da sua história. Então Javé pelejará pela cidade, exatamente como é dito em Êx 14:25 quando acontece a vitória de Deus sobre os egípcios (isto é, um resgate de vitórias passadas).

Segue então, já no texto indicado para este domingo, a descrição da ação de Deus contra os opressores (de todos os tempos) e a conseqüente libertação do seu povo (uma libertação final e definitiva). A rachadura ao meio do monte das Oliveiras separa o sul (de onde sempre chegou a dominação egípcia) do norte de onde chegaram todos os demais impérios que dominaram Israel (Assírios, Babilônicos, Persas e Gregos). Desta forma nunca mais nenhum império poderia dominá-los! (cf. Zc 14: 4c) O vale, descrito nos versículos 4b e 5a, se abrirá no sentido do oriente (de onde vinha o vento seco



no verão) e o ocidente (de onde vinha a chuva no inverno). Mas agora a vida não seria mais interrompida pela seca mas haveria água em abundância! (cf. vers. 8). Então o reino de Javé (cf. vers.9) será um reino de Vida! Da mesma forma nestes tempos difíceis devemos olhar com fé para o passado (olhando a encarnação de Deus em Cristo), ter coragem para resistir no presente (olhando a presença de Cristo em nós e entre nós) e no futuro alimentar a esperança no Advento do seu Reino de Vida. (Humberto Maiztegui Gonçalves)

2ª leitura (Epístola): I Tessalonicenses 3.9-13

Creio que todos aqueles que passaram por uma adolescência normal, com seus namoricos e paixões se lembram do como nos preparávamos para o encontro com a nossa namorada. Lembramos o cuidado que tínhamos com o banho, com o perfume, com a escolha da roupa, com o cabelo bem penteado, etc. nada podia dar errado!

Neste texto vemos a convicção, comum à época apostólica, de que Jesus retornaria ainda durante aqueles dias. E que, portanto, o grande encontro se aproximava. A iminência deste encontro cria um clima de expectativa. Todos devemos nos preparar para o encontro com o Senhor. Pensando nisso propomos o seguinte tema para nossa reflexão de hoje: *Virtudes necessárias para se esperar o Senhor*. Neste texto encontramos pelo menos três virtudes necessárias para aqueles que esperam se encontrar com o Senhor.

Em primeiro lugar precisamos desenvolver uma aproximação mútua (v. 11): "dirija-nos o caminho até vós". Lendo este texto percebemos como Paulo estava ansioso para se encontrar com os irmãos em Tessalônica. Sua oração era que Deus dirigisse o seu caminho de tal forma que eles pudessem se encontrar. O que vemos hoje em nossa cultura urbana é exatamente o contrário. Parece-nos que a solidão é mais cultuada que o encontro. A cada ano as nossas cidades crescem mais e nós ficamos mais solitários. Ao lado da solidão há o temor do outro. O medo de que alguém nos faça algum tipo de mal. Preferimos a segurança de nossos apartamentos bem fechados à insegurança do encontro. O encontro produz medo justamente por isso, porque nada sabemos da pessoa com quem nos encontraremos. Mas não vemos que justamente aí reside a magia. O encontro só tem sentido quando nos encontramos com o desconhecido, o diferente, aquele que esta se dispondo a ser conhecido. Como nos encontraremos com Jesus se não somos capazes de nos encontrar com os outros que estão entre nós?

Em segundo lugar precisamos desenvolver um crescimento em amor (v. 12): "...vos faça crescer em amor". Sempre ouvimos muito sobre a necessidade de crescer. Fala-se em crescimento intelectual, em crescimento no



padrão de vida, em crescimento empresarial, etc. Mas o tipo de crescimento de que Paulo nos fala é diferente. É um crescimento em amor. Este crescimento implica em um tipo de transformação que muita gente não quer vivenciar. É o que alguém chamou de cristificação. Crescer em amor é deixar que Cristo cresça dentro de você a tal ponto que você fica mais parecido com Ele. Se permitirmos que Ele cresça em nós, quando nos encontrarmos não estaremos diante de um estranho, mas daquele que já vivia em nós e não nos dávamos conta.

Em terceiro lugar precisamos desenvolver um coração confirmado em santidade. (v. 13). Esta frase parece, à primeira vista, um tanto enigmática. Contudo, quando nos aproximamos do sentido da palavra "confirmar" entendemos que ela significa "tornar firme", ou seja, "fortalecer". O que o autor está pedindo a Deus em oração é que os corações de seus irmãos em Tessalônica sejam fortalecidos em santidade. O que significa isso? Significa que nossos corações devem perder o encanto e a paixão pelas coisas "deste mundo", desta sociedade, desta cultura solitária e consumista, e deve se apegar aos valores do Reino de Deus. Somente nos sentiremos em casa com Cristo se tivermos os mesmos valores e se ambicionamos as mesmas coisas. D'outra sorte, nem mesmo no céu, nos sentiremos em casa.

Nossa sociedade sempre se preocupou muito com os "sinais" que antecederiam a vinda de Cristo. Neste texto, somos convidados pelo autor a pensar nas virtudes necessárias para serem desenvolvidas por aqueles que o esperam. Temos nos dedicado em buscar estes valores? (Jorge Aquino)

Santo Evangelho: Lucas 21.25-31

O contexto - O capítulo 21 de Lucas é um apocalipse. Em nosso modo de pensar, apocalipse remete para um quadro de medo, destruição, fim terrível. Não é esta a intenção de Lucas, nem qualquer outro autor que se vale deste modo de descrever a História. O Gênero Literário Apocalíptico é um jeito de contar a História com dupla função:

a) convida a comunidade destinatária a olhar os fatos já vividos. E a partir dos fatos vividos conta a História como se ainda estivesse por acontecer.

b) O Gênero apocalíptico ao invés de apontar para o fim de tudo, quer ser para a comunidade, que já vivenciou momentos difíceis, motivação para que se reorganize e renove sua esperança e principalmente a sua capacidade de perseverar. Sua finalidade maior, portanto, não é enfatizar a tragédia, mas a resistência.

O gênero apocalíptico em Israel é muito comum. Temos textos apocalípticos em Mc 13, Dn 12, Lc 21, e o livro do Apocalipse... Suas raízes



devem ser buscadas no período do exílio na Babilônia e principalmente no tempo da dominação grega na Palestina a partir do ano 333 a.C.

O povo até então considerado escolhido e protegido por Deus, vive agora uma situação de fragilidade: sem terra, sem rei, sem templo, sem rumo e sem lei.

Na narrativa do apocalipse de Lucas, o objetivo é manter as comunidades (teófilos) vigilantes, isto é, atentas ao desenrolar da História, mas principalmente perseverantes. As comunidades a quem Lucas se dirige são vítimas das atrocidades do império romano.

O quadro e sua moldura:

É comum que nas liturgias tenhamos recortes de textos que pertencem a conjuntos literários maiores. O texto indicado para o primeiro domingo do Advento (Lc 21,25-31) é parte de uma unidade literária maior que abrange o ministério de Jesus em Jerusalém.: Lc 19,28-21,37. Toda a atividade de Jesus em Jerusalém é colocada numa mesma perspectiva: Jesus, aquele que ensina; enquanto ensina ao povo, Jesus é questionado pelas autoridades..

O texto: simbolismo cósmico:

Hoje a grandiosidade é criada por meio de recursos da computação gráfica não disponíveis aos tempos de Lucas. É próprio da linguagem apocalíptica usar de sinais grandiosos, não manipuláveis para sinalizar a presença de Deus na História. O simbolismo cósmico (sol, lua, estrelas, relâmpago, fogo, nuvem,...) traz em si a marca da ação de Deus agindo em favor dos que lhe são fiéis. É o esquema que Lucas usa: vv 25-26 simbolismo cósmico; v. 27 a vinda do Filho do Homem; v. 28 a proximidade da libertação.

No texto, o segundo elemento do ensino de Jesus vem da realidade palpável e próxima, mas também sujeita à grandeza de Deus: a natureza. Também aqui há um paralelo: a árvore brota e todos sabem reconhecer a estação. É Jesus que está presente e a geração presente é que vê.

O v. 36 que conclui o texto do primeiro domingo de Advento se apresenta como uma convocação: é hora de reorganizar a resistência e a perseverança. O v. 36 traz ainda um outro símbolo pertencente ao simbolismo bíblico-antropológico: estar de pé remete ao contexto de ressurreição.

Dicas:

- O texto faz uma dupla leitura da História: no quadro mais amplo e no quadro mais próximo. Em ambas as leituras, a profecia soa como convite a perseverar;
- O texto não fala do fim, mas da proximidade da libertação;



- Tudo passa, menos a Palavra que orienta e estimula a comunidade a resistir aos projetos contrários ao Reino. Perseverar e recriar caminhos que tornam o Reino possível, é a ordem.

- A vinda do Filho do Homem não acontece por meio de uma espera passiva. O texto abre dois canais para uma expectativa ativa: "*fiquem acordados, vigilantes*", contra uma acomodação; "*orem*" como caminho para o discernimento, pois a oração remete à prática. (Lauri Wolmann)

2º comentário (Lucas 21.25-31):

Inicialmente um comentário sobre a extensão da perícopes - O texto deveria ser lido até o versículo 36, por dois motivos: (1) estabelecerá uma ligação mais íntima com a epístola de 1 Ts 3.9-13, onde se fala de "alegria" e "vigilância na oração" para que o nosso coração seja "confirmado em santidade, isento de culpa, diante de Deus, na vinda de Jesus". Em Lc 21.36 esse tema reaparece: "vigiai, pois, a todo tempo, orando para que possais... estar de pé na presença do Filho do Homem"; (2) Lc 21.35 esclarece melhor o sentido da expressão "não passará esta geração, sem que tudo isto aconteça" (vers. 32).

O texto dessa perícopes é redigido a partir de Mc 13, mas com algumas variações próprias da teologia das comunidades lucanas. Por exemplo:

a) os eventos cósmicos de Mc 13.24 são sumarizados como "sinais";

b) Diferentemente de Mc 13,26, em Lucas apenas uma nuvem é mencionada (v.27), como na transfiguração e no relato também lucano da ascensão (At 1.9). A nuvem (singular) é sinal da presença e da glória de Deus em Ex 19.16 e 24.16, Nm 11.25 etc;

c) Além disso, é omitido o envio dos anjos pelo filho do homem (mencionado em Mc 13.27), porque nos textos lucanos, esses em geral são associados com Deus e não com o Filho do Homem (12.8-9; 15.10). Tudo indica que, na teologia lucana, Jesus é considerado não o juiz, mas a testemunha chave no juízo final. Aliás, a expressão "testemunha" é muito utilizada na continuidade da narrativa em Atos, onde os cristãos também são chamados "testemunhas" (At 1.8 - "sereis minhas testemunhas"; 2.32: "este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas"; "4.33: "com grande poder os apóstolos davam testemunho da ressurreição...");

d) Em Mc 13, não há nenhuma menção explícita à alegria e regozijo, enquanto quem em Lc 21.28, o texto convoca a comunidade a se alegrar ("exultai") por ver os sinais da proximidade da redenção ou libertação (palavra tipicamente paulina, encontrada nos evangelhos somente aqui). Essa redenção é o "Reino de Deus" (vs. 31), expressão adicionada por Lucas e que não é encontrada em Mc 13.



e) Diante do abalo dos poderes que sustentam o mundo (v.26), há duas reações. Por um lado, “as nações” experimentam angústia e perplexidade (v.25) e os “homens” desmaiam (v.26). A reação da comunidade, porém, é de júbilo, esperança (v.28) e vigilância no compromisso com Jesus (v.36). Não é a comunidade que deve temer o juízo, mas sim “os homens” e “as nações” que se beneficiam do mundo que será julgado por Deus. Eles são “esta geração” (v.32). Lucas nunca refere-se aos cristãos “esta geração”. Observe que na parábola do administrador (Lc 16.8) há uma nítida diferença entre “esta geração” e os “filhos da luz”.

f) Lucas utiliza também a parábola da figueira (Mc 13.28-32) mas inclui algo novo. Fala não só da figueira, mas de “todas as árvores (v.29) colocando a parábola num contexto universal. A figueira era uma árvore-símbolo de Israel; “todas as árvores” refere-se às demais nações. Isso indica que, na visão de Lucas, o juízo de Deus não se restringe somente ao espaço geográfico da luta política entre Israel e o Império Romano, mas tem proporções universais, como é reforçado no vers. 35: “há de sobrevir a todos os que vivem sobre toda a face da terra”.

O texto, portanto, é bastante atual, sobretudo nesses tempos em que muito se fala de globalização. O mercado globalizado corresponde hoje ao que naqueles tempos se considerava “os poderes do céu” que legitimavam e sacralizavam as situações de injustiça e opressão social e que repercutiam na vida pessoal, causando miséria, opressão e desesperança.

Às vezes ouvimos previsões pessimistas de alguns economistas que afirmam que o neoliberalismo já começa a dar sinais de esgotamento, principalmente por causa do aumento da economia informal entre os pobres e excluídos (há indícios de que 30% da economia latino-americana já é informal – e isso é péssimo para o sistema). A obsessão dos governos em aperfeiçoar mecanismos de arrecadação de impostos e a luta das grandes empresas e corporações para coibir as atividades da economia informal já são indícios de “angústia entre as nações... pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo”. Porém, para as comunidades pobres e excluídas, a desestabilização do mercado de capitais é motivo para “exultar e erguer a cabeça, porque a nossa redenção/libertação se aproxima” (vers. 28)

Em meio ao pânico e à ansiedade de um sistema econômico que se esfacela, os que se privilegiam desse sistema injusto realmente têm muitos motivos para sofrerem “angústia e perplexidade” e desmaiarem com os rumores das quebras de bolsas de valores. A comunidade dos discípulos de Jesus, porém, diferencia-se porque, sabendo que os tenebrosos que sustentam o mundo estão com os dias contados, vislumbram o fim de seu inverno e o início do verão (“vede a figueira e todas as árvores... o verão está próximo”). A atitude mais coerente com essa expectativa é a construção de laços de



solidariedade na vida comunitária, bem exemplificados no texto da 2ª leitura: “o Senhor vos faça crescer e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos... a fim de que seja o vosso coração confirmado em santidade, isento de culpa na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (I Tes 3.12-13). A esperança alimentada pela solidariedade cristã é a graça que pedimos a Deus na coleta de hoje: “Deus Onipotente, dá-nos a graça de rejeitar as obras das trevas e vestir-nos das armas da luz...”, cf LOC, pg. 111. (Carlos Eduardo Calvani).